ANNO 1.º — Sabbado, 10 de outubro de 1908 — Numero 34

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

O PELOURINHO DE UM PADRE

Quem diz a verdade? Nós ou o director da Escola Districtal d'Aveiro padre José Marques de Castilho?

Na scena escandalosa do Hotel Bragança de Coimbra, a heroina, ao contrario do que o mesmo director affirma, não era sua irmã!

Já o temos dito e não nos cançamos de repetir: não nos move actualmente, como nunca nos moveu, nenhuma especie de animadversão pessoal contra esse cavalheiro que ahi dá pelo nome de padre José Marques de Castilho.

As suas proezas como professor e director da Escola Districtal d'Aveiro, vistas e bem patentes aos olhos de todo o mundo, é que nos fazem vir a publico reclamar contra a estada de semelhante cavalheiro nos logares que officialmente occupa.

Não póde ser. E' preciso que a honra das alumnas deixe de estar á mercê das artimanhas do tonsurado director, dos seus caprichos, das suas furias, do seu poder, emfim.

Fóra d'ahi! Quem não respeita o nome, sagrado entre os mais sagrados, d'uma pessoa de familia, se esta pessoa tal o fosse effectivamente, o que todavia mais uma vez negamos, servindo-se d'elle para encobrir faltas imperdoaveis, porque a ninguem é licito transformar uma casa respeitavel em alcôva de prostituição, quem commette abusos como aquelles de que tem sido accusado e continua a ser o professor padre José Marques de Castilho, não póde, por fórma alguma, continuar a exercer as funcções de director de uma Escola.

Haja moralidade, senhores da governação!

E' tempo de se acabar de uma vez para sempre, com a politica de compadrio que ahi foi inaugurada pelos srs. Mellos, d'Agueda, e que tão pessimos resultados tem dado n'esta terra, hoje tida e havida em toda a parte como um *feudo* d'aquelles senhores.

Vamos. Decida-se o sr. Ministro do Reino e intervenha immediatamente sacudindo da Escola Normal, depois de inteirado de todos os factos indignos que ali se têm praticado, o padre que nem sequer o nome da irmã sabe venerar.

Nós não faltamos á verdade. Não fazemos affirmações gratuitas. E para que não haja duvidas a esse respeito, compare-se o que diz o padre e o que dizemos nós com provas á vista.

Comecemos pelos *Successos*:

CARTA

Do nosso illustre amigo, rev.mo snr. José Marques de Castilho, recebemos a que segue e á qual damos gostosamente publicidade, muito folgando em concorrermos para o restabelecimento da verdade e anniquilamento da calumnia assacada a um caracter tão probo, honesto e brioso como é o do sr. padre Marques de Castilho.

A senhora de que se trata é sua irmã.

A politica facciosa até já não consente, sem reparos nem suspeições, que um sacerdote possa acompanhar uma senhora de sua familia!!!

Segue a carta:

... Am.º e Snr.

Muito grato ficarei a v... se fizer publicar no seu acreditado jornal as seguintes linhas, que são a minha primeira e ultima informação sobre o assumpto de que se trata:

N'um dos dias da semana passada estive em Coimbra com uma **senhora** de minha familia, por motivos que toda a cidade d'Aveiro conhece.

Hospedámo-nos no hotel *Bragança*, onde alguem duvidou da nossa identidade, havendo por isso uma troca de palavras azedas que pelas condicções especialissimas em que me encontrava resolvi cortar mudando para o hotel *Commercio*. Só quem não me conhece, quem estiver de má fé ou mal informado, poderá ver n'isto um escandalo.

Porque o assumpto envolve sagrados interesses de quem aqui não póde nem deve ser discutido, eu não voltarei a falar n'elle apresentando apenas estas linhas como uma satisfação á minha consciencia e ao publico, desde que por errada informação, apraz-me acredital-o, se quiz fazer de mim um criminoso.

De v...
cr.º att.º am.º e ob.º

Aveiro, 26—11—902

J. Marques de Castilho.

***

Como professor (padre Castilho) «não deixára triumphar a incompetencia de quem lhe assacava uma falsa accusação, **tão falsa como fôra aquella que se fizera ao nosso amigo quando elle fôra acompanhar uma pessoa de sua familia ao concurso que esta fôra fazer a Coimbra para o logar de professora annexa da «Escola districtal d'Aveiro.»**

(*Progresso de Aveiro* de 6 de agosto de 1908).

***

Ill.mo Snr.

Tendo fallado ha dias com V. S.ª sobre a scena escandalosa passada no seu acreditado Hotel com o snr. padre Marques de Castilho e precisando obter mais alguns informes sobre o mesmo assumpto, venho importunal-o novamente pedindo-lhe o obsequio de me dizer na volta do correio, se possivel fôr, o seguinte: 1.º o dia certo em que se deu o acontecimento; 2.º se o snr. padre Castilho entrou ou não acompanhado d'alguma **senhora** para o Hotel quando pediu o quarto; 3.º se a mulher que o acompanhava á sahida era **senhora** ou **tricana**, e quaes as suas caracteristicas, incluindo os dados physionomicos; 4.º se conhece ou não a **irmã** do professor snr. padre Castilho; se o snr. dr. Guilhermino de Barros ahi foi depois dizer alguma coisa com respeito ao que se passou; 6.º e finalmente se me auctorisa a fazer o uso que entender da sua resposta.

Como verá por uma carta que junto envio e que o snr. padre Castilho tem feito publicar nos jornaes d'aqui, pretende este snr. fazer acreditar que a mulher que o acompanhava era **sua irmã** e que por isso foi victima da grosseria d'alguem do Hotel que duvidou da identidade d'ambos, vendo-se assim obrigado *pelas especialissimas condições em que se encontrava*, a abandonal-o para ir habitar outro. A este respeito peço-lhe com o mesmo empenho que me diga o que se lhe offerecer, visto que é preciso tambem levantar os bons creditos de que gosa o seu Hotel que elle na carta pretende rebaixar.

Sem mais, desculpe-me a massada que lhe dou e creia-me

De V. S.ª
m.º att.º ven.º,

Aveiro, 30 de novembro de 1902.

Arnaldo Ribeiro.

GRANDE HOTEL BRAGANÇA

COIMBRA — *5—XII—902.*

... Snr.

Com a melhor boa vontade as informações que pede.

Para o rev.º Castilho, situação moral peor se depara, se pretende sustentar que era sua irmã *a mulher que recebeu no quarto em que se installara n'este hotel. Mas são isso considerações em que não vale demorar.*

1.º O caso deu-se no dia 15 de novembro ás 10 horas da manhã, depois da chegada do comboio do norte ás 9 horas.

Entrando, pedio um quarto com janellas para o lado da estação.

2.º Entrou só, *não acompanhado por qualquer* senhora.

3.º A mulher em questão mostrava ter mais de 30 annos; lenço levemente ramado de verde; chaile claro; chinellas brancas; *saia preta e cordão d'ouro ao pescoço.*

4.º Não conhecemos pessoalmente a irmã *do rev.º Cavalheiro, pessoas que a conhecem, porém, dizem-nos que* é uma menina nova, usando chapeu e vestidos.

5.º O snr. dr. Guilhermino de Barros veio cá no dia seguinte e, naturalmente, tendo ouvido quaesquer explicações do rev.º, parecia convencido da sua innocencia.

Em resumo. O homemsinho entrou, pediu quarto como deixo dito; sendo-lhe dado o n.º 9 que olha para o pateo de entrada para o hotel; pouco depois tendo elle estado á varanda, entrava a femea que se dirigiu á escada, subindo. Elle esperava-a ao cimo; entraram ambos no quarto fechando-se em seguida a porta e a janella; um creado que desconfiou, pelo buraco da fechadura, poude ver para o que se preparavam, deitados já na mesma cama; *a principio quiz fazer-se forte, mas comprehendendo bem que fôra surprehendido, tomou o partido da explicação, querendo fazer acreditar que era* uma creada, *que ia pregar-lhe um botão.*

Pedia desculpa que não era o que se dizia, e quando foi intimado a sahir, que a mulher ficava presa para ser remettida á esquadra deixava-a supplicar que tal não fizesse, *e punha-se a salvo, facto que outros hospedes notaram alcunhando-o de....... por deixar em tal situação uma mulher que elle arrastára até aqui.* E se ella fosse sua irmã *não seria naturalissima a sua manifestação de revolta, mesmo violenta, ante a mancha que o creado lançava sobre ella? E não sabe o rev.º que mandou* depois *aqui um seu primo, residente na rua das Sollas,* pedir que em tal se não fallasse? *E não sabe elle que facilmente se lhe demonstra, com testemunho, pelo menos dos creados e de gente que a viu sair, que ella* era uma tricana *que começa a servar-se, e não* uma menina em vestidos e chapeu? *Emfim ahi tem V.... muito em resumo os factos que se deram e com a auctorisação que deseja, para fazer d'esta carta o uso que precise.*

Por Guilherme Maximo, proprietario do Hotel Bragança

O empregado,

Benjamim Ramos.

Segue-se o reconhecimento.

Como simples producto da nossa imaginação, ou de quem nos metteu isso na cabeça, no dizer do advogado do padre no processo que nos leva por suppostas injurias, o que ahi fica não póde ser mais completo nem mais eloquente.

O publico imparcial que faça agora os devidos commentarios.

1900-1908

Oito annos vão decorridos, quasi, desde aquelle celebre e tumultuario novembro de 1900! De tal data para cá, quantos ensinamentos uteis, quantas lições proveitosas não temos colhido d'essas tantas e tão variadas scenas que se hão desenrolado, ahi, na vida politica local?!

Que de notaveis *metempsychoses* se teem operado entre os politicos de nossa terra durante esse ainda não longo periodo de annos?!

E por quê tudo isso? Que haverá determinado taes mudanças e tam estranhaveis transformações? Rasões de interesse geral da collectividade? Não, evidentemente que não.

As cousas não tiveram por fim melhorar as condições de um povo,sim, e apenas, razões particulares, mas não tanto que sobre ellas não possa recair a nossa critica.

Uns, obstinados, constantes e tenazes na lucta acceitaram approximações, e talvez adhesões, sómente para poderem realisar o seu programma todo absorvente e arrebanhador. E tel-o-hão realisado,quem sabe, abatendo, d'est'arte, a philaucia de uma grei.

Estes—os da grei—esqueceram os juramentos mais solemnes e enguliram todas as diatribes vomitadas, nas suas gazetas, contra aquelles—porque assim conveio, convirá e convém á sua vaidade incontestavel ou aos seus arranjos presentes ou promettidos para o futuro.

Aquelles não se deshonraram; mantiveram-se no seu papel.

Queriam dominar e esse intento lograram sem se enxovalhar.

Eram, então, senhores; dominadores ficaram e ficarão sendo.

Mas, os que barafustavam contra a hegemonia d'Agueda, os independentes, os patriotas, os omnipotentes? Rasos como a lama, eil-os, ahi, aviltados e abatidos!

Pygmeus com fumaças de gigantes! O seu valor todos lhes conhecem! O seu jogo está descoberto!

Que cunho de sinceridade pódem ter essas festas promovidas por inimigos de hontem e não só inimigos politicos,mas em todos os campos?

Diz-se, e é certo, que os tempos mudam e com elles os homens. Verdade pura. A vida politica local dá-nos, d'isso, um frisante exemplo.

Os leões de outr'ora são hoje mansos borregos.

Os gritos de morte que, por alguns dias de novembro de 1900,foram ahi soltados pelas hostes arruaceiras do *filho da terra* converteram-se, agora, em hymnos triumphaes e em acclamações phreneticas a aquelles mesmos cujas cabeças se pediam!

As pedras arremessadas, então, contra os snrs. Albano de Mello e Conde de Agueda, sem duvida com o fim reprovavel e criminoso de os ferir e maltratar, mudaram-se em placas de *marmore* onde se ostentam glorificados os nomes d'esses vultos do partido progressista! Nas ruas onde se erguiam, contra estes, os clamores d'uma multidão paga a tanto por cabeça, levantam-se hoje, em honra dos apedrejados, obeliscos e desenas de mastros encimados por galhardetes multicores e festivos!

Os espinhos de aquellas epocas são, hoje, louros de victoria!

Os odios emmudeceram (?)

Abraçam-se, n'est'hora, aquelles a quem rancores politicos distanciavam! Já não espumam de raiva as bocas da ralé desenfreada que os *gros bonnets* do frankismo, lá de seus gabinetes, agitavam e enfureciam contra os *Becos* e os *Albanos!* Em compensação espumará, a rodos, o champagne! Os raios de luz colerica que se despediam dos olhares de certos politicos, em vesperas de uma derrota eleitoral, foram substituidos pelos fulgores magnificentes de uma *gambiarra!*

Oh *quantum mutatum ab illo!*...

Snrs. Conselheiro Albano de Mello e Conde de Agueda:—Nada nos moveu jamais, ou move, contra V. Ex.as para quem somos e sempre seremos justos. Como aveirenses sabemos, nós republicanos, apreciar os beneficios com que teem dotado esta terra. Como politicos nunca abdicaremos de nosso ideal, nem nos curvaremos sabujamente diante de V. Ex.as!

Não temos feitio para engraixadores.

Entretanto V. Ex.as têm n'esta terra muita gente que só vive de tirar lustro ás botas dos potentados. Devem conhecel-a.

Nem só o Manoel Garcia, dos Arcos, engraixa. Estendam V. Ex.as as botas.

Os engraixadores engravatados disputarão ás centenas a *honra* de lhes tirar lustro.

Com uma differença sómente:—o Manoel Garcia contenta-se com uns magros 20 réis, os outros quererão esportula mais choruda.

Fiem-se n'elles V. Ex.as...

O caso das festas de ámanhã leva agua *no bico*.

Dr. Bernardino Machado

Tem causado sensação a entrevista do snr. dr. Bernardino Machado, com um jornalista hespanhol ácerca da politica portugueza e que os jornaes teem reproduzido.

O snr. dr. Bernardino Machado, que esteve em Madrid, a assistir aos funeraes de Salmeron, foi alvo das mais captivantes e honrosas demonstrações de estima e admiração na capital hespanhola, tencionando lá voltar em breve.

Sua ex.a esteve já no domingo ultimo na Figueira da Foz, indo a Quiaios com varios republicanos d'aquella cidade e aldeias circumvisinhas, inaugurar a escola republicana Antonio José de Almeida.

No fim da festa e da sessão solemne na escola, foi offerecido ao illustre membro do Directorio um magnifico jantar em que houve enthusiasticos brindes.

Tambem alli esteve o nosso correligionario e amigo Alberto Souto, a quem o snr. dr. Bernardino Machado prometteu que dentro em breve se havia de realisar um grande comicio em Aveiro, a que hão de vir fallar com sua ex.a o dr. Antonio José de Almeida e outros membros illustres do nosso partido.

COISAS E TAL

Rala-te

Julga o padre Castilho que nos faz grande differença ou que nos contraria pelo facto de não lêr o *Democrata,* como diz a toda a gente.

Onde chega a pieguice! Como se nós aqui estivessemos a escrever para elle, com quem nada temos, tendo no entanto muito com os ultrages á moral praticados na escola de que é professor e Director e que é necessario pôr a descoberto para governo dos paes das alumnas que a frequentam.

Hão-de concordar que é um typo excepcional!...

Nota do governo

Foram enviados aos agronomos dos diversos districtos editaes fazendo observar as prescripções relativas á restricção do plantio das vinhas.

Aqui está uma coisa que devia ter contrariado bastante o padre Mattos, que, em questões de vinho, é a *palheta* que se sabe...

Mas não disse nada, o magano. Quer fingir que já se não importa...

O conde, triumphante!

Não é do sr. conde d'Agueda que se trata, embora tambem vá triumphando sobre aquelles que lhe arremeçaram pedras, mas sim do sr. conde de Arnoso, que vê finalmente descobertos os *cumplices* do regicidio por que tanto tem clamado!

São elles, segundo uma folha reaccionaria da terra dos *Lourenços, todos os que concorreram para a subscripção aberta no «Mundo» e destinada aos filhos do professor Buiça!!!*

Quem o havia de dizer!...

E andou o Magro a deitar os bofes pela bocca fóra, do sol para a sombra e da sombra para o sol, a gastar um rôr de dinheiro ao paiz, quando no fim de contas a *coisa* estava mais clara do que a propria agua...

E' vêr como o de Braga se explicou... e nunca foi policia...

Salta de lá uma condecoração ao *gajo!*...

Regosijo

O *Progresso de Aveiro* já na quinta-feira se associou ás festas que ámanhã devem ter logar pela inauguração das lapides das novas avenidas, pedindo licença para levantar tres vivas:

Viva o snr. Conselheiro José Luciano de Castro!

Viva o snr. Conselheiro Albano de Mello!

Viva o sr. Conde d'Agueda!

O enthusiasmo de que o *Progresso* anda possuido, é indiscriptivel!

Se não tem cuidado, até se arrisca a rebentar o cós...

O «Alegre Mocidade»

Estreiou-se no sabbado á noite, no *redondel* do Rocio, o novo *rancho* de tricanas assim cognominado e cujas canções, á moda de Coimbra, foram bastante apreciadas.

Tocou nos intervallos a banda dos Bombeiros Voluntarios.

A concorrencia foi regular.

COMICIO EM CACIA

Consta-nos que se realisa brevemente n'esta importante freguezia um comicio de propaganda promovido pela commissão parochial republicana, que já ali sustenta uma escola de ensino pelo methodo de João de Deus.

De passagem

Regista o *Progresso d'Aveiro*, com certa admiração, que o *Democrata* se tenha intromettido n'uma questão a que chama *irritante* e que tem sido tratada por um collega monarchico da localidade.

Pois não tem nada que se admirar.

O director d'este jornal julga-se no pleno direito de discutir todas as questões de interesse moral e social que reconheça de utilidade, embora sejam abordadas tambem em outros collegas de politica diametralmente opposta.

Além d'isso quasi toda a gente sabe em Aveiro que desde que começaram a vir a publico os factos escandalosos, attribuidos ao director e professor da Escola Normal padre José Marques de Castilho, o snr. Arnaldo Ribeiro foi um dos primeiros a escalpellisar o procedimento indigno d'esse professor, que n'outra parte teria sido chicoteado e posto fóra do logar por indecente e má figura.

N'estas condicções o *Democrata* principiou e ha-de acabar sem que para isso tenha de pedir licença ao *Progresso.*

Doe-lhe o castigo? Tenha paciencia. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Entendemos que o publico tem obrigação de saber de certas coisas que se passam e isso é quanto nos basta.

O que fizemos mal foi tel-o poupado tanto.

De resto, querelle-nos o padre Marques quantas vezes quizer que não seremos nós que lhe mandaremos pedir misericordia, como elle fez ha seis annos, quando então, pretendiamos desmascaral-o.

Somos pobres,muito pobres mesmo, vivendo apenas do nosso trabalho para sustentar a familia, mas isso nem nos envergonha nem nos faz curvar a espinha deante do homem mais poderoso do mundo.

E temos conversado.

VISITA REGIA

Diz-se que el-rei D. Manoel visitará Aveiro, quando da sua vinda ao norte, inaugurando por essa occasião o primeiro troço da linha ferrea do Valle do Vouga comprehendido entre Espinho e a importante villa de Oliveira de Azemeis.

A EXCURSÃO DE COIMBRA

Dos excursionistas que vieram no domingo a esta cidade, fazia especialmente parte a Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, que, em retribuição da visita aos seus camaradas d'Aveiro, tinha ha muito resolvido o passeio.

Na recepção que os excursionistas conimbricenses aqui tiveram, se não houve os estrepitosos ruidos de grandiosas manifestações, não faltou o mais carinhoso e sincero acolhimento, em que toda a nossa cidade collaborou. Levem os nossos hospedes para Coimbra essa grata lembrança.

Na *gare* do caminho de ferro d'esta cidade, alem de muito povo achava-se toda a Companhia dos Bombeiros de Aveiro,com a sua phylarmonica, esperando os Bombeiros conimbricenses. A' chegada subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, rompendo a banda com a marcha *Coimbra a Aveiro.* Depois de reciprocas saudações e cumprimentos seguiram as duas Companhias, seguidas de uma enorme cauda de populares, para o quartel, que estava brilhantemente adornado de flôres, tropheus, bandeiras e outros emblemas allegoricos, vendo-se todas as dependencias do quartel engalanadas com summo gosto artistico.

Eram cerca de oito horas, quando foi aberta a sessão, para a qual haviam sido convidadas a imprensa local e differentes collectividades,presidindo o snr. Manoel Gonçalves Moreira, inspector de incendios da cidade, secretariado pelos snrs. Antonio Sanhudo e dr. Lourenço Peixinho, segundo commandante da Companhia de Bombeiro de Coimbra, e medico da Companhia de Bombeiros de Aveiro.

Aberta a sessão, o snr. presidente deu a palavra ao snr. João de Moraes Machado, commandante da Companhia aveirense, que deu as boas-vindas aos excursionistas n'uma primorosa e enthusiastica saudação, a qual terminou com um—Viva á cidade de Coimbra—sendo ruidosamente correspondido.

Foi em seguida entregue á briosa corporação conimbricense uma palma artificial, tendo pendentes fitas de sêda carmezim, e na base um formosissimo ramo de flores.

Agradecendo a mimosa lembrança dos seus camaradas d'Aveiro e retribuindo a saudação, tomou a palavra o segundo commandante dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, o snr. Antonio Sanhudo, tambem nosso patricio, que discursou brilhantemente, em meio de vivos applausos que estrugiam por toda a sala, terminando por levantar uma vibrante saudação á cidade de Aveiro.

Ainda fallou, lendo um breve discurso, o snr. José Pereira da Motta, secretario da Associação dos Bombeiros de Coimbra, que foi ouvido com muito agrado,apezar das reciprocas e ruidosas manifestações de carinho e affecto não deixarem que o orador imprimisse ao seu discurso a natural anciedade de fazer bem sentir á assembleia os pruridos do seu coração grato e affectuoso, no que sem duvida era acompanhado por todos os seus conterraneos alli presentes.

Em seguida, as duas corporações dirigiram-se ao caes, onde embarcaram para a costa de S. Jacintho. Alli esperava-os succulenta e abundante *caldeirada*, que é uma das especialidades nas

mezas da nossa Beira-mar.

O passeio e a surpreza de eguaria despertára-lhes o appetite, e por isso, os commensaes foram todos bons amphitriões.

Cerca das 3 horas da tarde largavam do caes de S. Jacintho em regresso a esta cidade. As manifestações de sympathia e affecto de que os nossos hospedes foram alli alvo penhorou-os sobremaneira, e a essas provas de carinhoso acolhimento corresponderam elles com uma vibrante saudação de despedida, levantando enthusiasticos vivas.

Eram perto de 6 horas da tarde quando o barco chegou ao caes d'Alfandega. As duas associações espalharam-se em grupos por varios pontos da cidade, sempre acompanhados por muitos populares, que aos nossos hospedes davam, sob varios pretextos, inequivocas provas de satisfação a mais cordeal.

A's dez horas o sino dos paços do concelho dava signal da chamada ao quartel dos Bombeiros. Reunidos todos, foi organizada a marcha *aux-flambeaux*, que devia seguir para a estação do caminho de ferro, até aonde foram acompanhados pela fanfarra do Azylo Escola, tocando durante o trajecto a marcha—*Coimbra a Aveiro*. A' passagem do cortejo as janellas estavam apinhadas de habitantes que o saudavam estrepitosamente, sendo correspondidos com o mesmo calor por todos quantos haviam tomado parte na marcha *aux-flambeaux*.

Na *gare*, porem, esperavanos uma surpreza. Appareceram alli alguns individuos da commissão municipal republicana de Aveiro, que foram apresentar as suas despedidas pessoaes a alguns membros da Companhia de Coimbra. Ao serem descobertos aquelles, rebentou inopinadamente na *gare* uma estrondosa manifestação de sympathia iniciada por um grupo de cidadãos de Coimbra que vieram na excursão. Estabelecida a corrente, a manifestação redobrou de intensidade. Era uma vosearia estonteadora, ouvindo-se distinctamente, vivas á Republica, ao partido republicano, á commissão municipal republicana d'Aveiro, etc., etc. O espectaculo da manifestação tornou-se soberbo pela espontaneidade das acclamações, que ninguem suppunha ir alli ouvir.

O facto é muito significativo, e esclarece sem nenhuma duvida, como as ideias republicanas tem avançado em todo o paiz.

Para nós foi isso sobremaneira agradavel.

A' briosa Companhia dos Bombeiros Voluntarios de Coimbra, as nossas mais affectuosas despedidas.

Attingiu na ultima semana a quantia de 1:731$200 réis a subscripção nacional para o monumento projectado, em Coimbra, a Joaquim Antonio d'Aguiar.

A PROPOSITO...

Do *Primeiro de Janeiro*, transcrevemos com a devida venia uma das chronicas do brilhante publicista João Chagas que, dizendo respeito a um homem em evidencia no nosso districto, estamos bem por certos ha-de interessar a todos quantos deixaram de a lêr n'aquelle importante diario portuense.

Se o leitor não leu no Correio da Noite *d'hontem o panegirico do conde d'Agueda, aconselho-o a que o leia, porque não perde o seu tempo. Vem na 1.ª pagina e muito á vista.*

Se eu estivesse collecionando documentos para uma hisoria da sociedade portugueza e das suas instituições politicas d'este tempo, não deixava de arquivar esse, como muito curioso, como muito significativo, como muito eloquente, como um dos mais eloquentes talvez. O que o torna excepcionalmente valioso é a sinceridade e essa não pode ser maior. O panegirista do conde d'Agueda fala com o coração nas mãos. Assim é que nos diz:

Força posta ao serviço dos seus amigos, dos seus correligionarios, do seu concelho, do seu districto. Uma politica assim tem terriveis exigencias. Conta-se em Lisboa, que na ultima situação progressista, o ministro da guerra, conselheiro Sebastião Telles, dissera em resposta a uma das suas muitas solicitações—«Homem, você imagina que o ministerio da guerra é só seu!»

Não sei se a frase é verdadeira, sei que é caracteristica.

Com effeito, o conde d'Agueda, que, pessoalmente, nada precisa dos ministerios, tem para servir os seus amigos, de quasi os monopolisar.

Eis aqui, posto a nú, com tocante simplicidade, o segredo das nossas influencias politicas.

Quem o revela? Um sociologo? um moralista? um filosofo? um panfletario? um jornalista de opposição?

Não! Um amigo do sr. conde de Agueda, e não faz da sua revelação um escandalo, uma accusação, um libello. Ao contrario faz d'ella—uma corôa de flores.

O sr. conde d'Agueda não é uma força posta ao serviço das ideias, ou ao serviço da sociedade, mas inteiramente votada ao serviço dos seus amigos e correligionarios—do seu concelho e do seu districto.

De que natureza são os serviços prestados pelo referido sr. conde aos seus amigos e correligionarios? São serviços pessoaes? Não! São serviços politicos, pois todos dependem dos ministerios e entre estes do ministerio da guerra. N'esta ordem de ideias, o sr. conde d'Agueda é incansavel e ardente. Para servir os seus amigos e correligionarios, diz o seu panegirista, monopolisa os ministerios—«*Homem, você imagina que o ministerio da guerra é só seu?» ter-lhe-ia dito o sr. Sebastião Telles.*

«Não sei se a fraze é verdadeira, commenta o panegirista do sr. conde d'Agueda. Sei que é caracteristica.» E não ha duvida que o é. E' caracteristica dos nossos deploraveis costumes politicos; é caracteristica da influencia politica dos senhores locaes, tambem chamados caciques, e do caciquismo; *é caracteristica do regimen feudal de vassallagem a que estão reduzidos os nossos povos ruraes; é caracteristica do sistema de reciprocas dependencias que fazem a força unica dos partidos conservadores nas provincias; é caracteristica da geral corrupção politica, que outro nome não tem essa troca de favores entre os politicos que prestam serviços aos eleitores,* monopolisando os ministerios, *e os eleitores que lh'os agradecem dando-lhes servilmente o voto nas eleições, que, assim viciadas na sua origem, se traduzem na ficção parlamentar, com todos os seus horrores.*

Não ha duvida, a frase é caracteristica, mas por tal forma estamos viciados que, em Agueda, ou onde estas coisas se passam, ella não caracterisa a influencia de um politico mais, pernicioso, mas ao contrario, o prestigio e a força de um filantropo.

Para servir os seus amigos, escreve o apologista d'esse politico, o sr. conde d'Agueda tem quasi de monopolisar os ministerios.

Gloria ao sr. conde d'Agueda!

João Chagas.

EXAMES

Com muito prazer vimos n'um collega de Oliveira d'Azemeis, que concluiu o curso geral dos lyceus, o snr. Angelo Pereira Gandra, filho do nosso amigo sr. Joaquim Bento Pereira Gandra, digno escrivão de direito d'aquella comarca.

Felicitamos cordealmente a familia do applicado alumno.

— Tambem em Coimbra terminou egual curso o snr. Luiz Firmino Regalla de Vilhena, pelo que nos congratulamos dando-lhe os parabens e a seu pae o nosso collega do *Campeão*, Firmino de Vilhena.

NOTAS DA CARTEIRA

Esteve n'esta cidade com curta demora o nosso presado amigo snr. dr. Carlos Alberto Ribeiro, distincto medico em Miuzella.

—— Foi passar mais alguns dias a Albergaria-a-Velha o snr. dr. Eduardo Silva, professor do lyceu.

—— Com uma nossa galante patricia, a menina Belmira d'Oliveira, filha do snr. João Dias d'Oliveira, consorciou-se ha dias o snr. dr. Elysio Ferreira de Lima e Sousa, digno delegado do procurador regio na comarca de Felgueiras.

—— Tambem se consorciou no sabbado passado, o nosso collega do *Districto de Aveiro*, snr. Belarmino de Sousa Maia com a sr.ª D. Alice da Naia Mendonça, presada filha do sr. Zacharias da Naia e Silva, digno official da repartição de fazenda d'este districto.

—— Egualmente se realisou o enlace do snr. Victor Hugo Antunes, sargento aspirante de cavallaria 7, com a snr.ª D. Margarida de Campos Salgueiro, presada irmã do snr. padre Lourenço Salgueiro, director do Asylo-Escola, secção masculina.

A todos os nubentes desejamos muitas venturas.

—— Regressou da praia do Pharol com sua esposa e filhos o snr. Antonio Pereira da Luz.

—— Partiu para as Caldas do Moledo, onde vae continuar o tratamento necessario á sua doença, o nosso collega do *Progresso de Lourenço Marques*, snr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

—— Vindo de Coimbra, onde passou alguns dias, já aqui se encontra o nosso presado collaborador snr. Alberto Souto.

DESASTRES

Julio Diniz, empregado da camara no mercado «Manoel Firmino», foi no domingo victima de um desastre. Passava alli montado n'um poldro um individuo d'esta cidade. Como o animal não dava pelas redeas, o cavalleiro pediu ao Julio Diniz que o tocasse. O Julio assim fez, mas com tal infelicidade que o poldro ao sentir-se castigado, jogou tão rapidamente os pés e com tal violencia, attingindo o pobre rapaz no peito e na garganta, ficando muito contundido n'aquelle e com esta deslocada.

O guarda recebeu os primeiros soccorros na pharmacia Reis, seguindo d'ahi para o hospital, indo pelo seu pé. Dizia-se ao principio que o Julio Diniz não sobreviveria á gravidade dos coices; mas, segundo ouvimos, embora não corra perigo de vida, ficará com defeito na garganta.

*

Na terça-feira succedeu outro desastre na rua da Costeira. Subindo a rua ia uma rapariguita com uma canastra á cabeça, e descendo-a vinha um carro tirado por dois cavallos. Por descuido do cocheiro ou da rapariga, esta foi tocada pela lança do vehiculo, que a fez cair indo rolar até debaixo do carro. Embora o cocheiro sopeasse rapidamente os animaes, não o fez tanto a tempo que estes não pizassem a rapariga. O ferimento não foi, porém, de gravidade, pouco mais do que o susto; pois que ella depois de receber curativo na pharmacia Aveirense, poz-se logo a andar e com pressa, dirigindo-se á sua terra—Povoa de Vallade.

*

Ainda outro grave accidente. Foi na quarta-feira, pouco em frente da Praça do Peixe. Um carreiro, com o vicioso e incorrigivel costume de ir ao lado dos bois, contra a expressa lei que pune o abuso. Mas não fallamos n'isso, que a policia não gosta que lhe lembrem o desleixo.

Do lado contrario caminhava uma creança. O carreiro picou do seu lado os animaes e estes, com o natural impulso de fugirem ao aguilhão, tomaram mais para o lado opposto, fazendo cair a creança. O carro passa com uma das rodas sobre um pé da creança, esmagando-lh'o.

Já se vê, o carreiro seguiu e seu caminho e a victima foi para casa dos paes.

CARTA DE LISBOA

6 de outubro de 1908.

Pois é verdade, meus senhores, a maioria dos municipes monarchicos, de Lisboa, pede em altos gritos uma vereação republicana.

E dizem indignados: «*Tem sido um desaforo; isto não póde continuar assim. Lisboa podia estar n'uma posição invejavel perante as demais capitaes da Europa, se fosse zelosamente administrado o seu municipio*, etc., etc.

Corja de *voleurs!* Veja-se o que fazem as companhias do Gaz, dos Phosphoros, dos Tabacos, e principalmente a dos Carros electricos.

Não se calcula a forma como estes *pandegos* fallam da *sua gente!*

Põem-nos pela rua da amargura.

Mas vejamos porque fallam elles d'esta forma, com palavras cortantes como espadas e rubras como papoulas, dos seus correligionarios, dos seus *illustrissimos* irmãos de ideias.

Razões do seu descontentamento quando lh'as pedem, firmam-as com dezenas de casos em que muitos mandões do municipio figuram, com varios *passes de peito* em frente d'uma *caixa alta* que geralmente costuma ser feita á *prova de fogo*, e que serve para guardar coisa muito util para a vida, principalmente agora que ella é tão cara!...

E francamente não ha ninguem que lhes não dê razão.

E' que os escandalos teem sido tantos ou tão poucos, que já ninguem se admira, limitando-se a dizer, quando alguem mais bem informado affirma: Então não sabem o que fez a camara?... E tudo em côro: Ora! Ora! Não admira, pois se ella está sempre a fazer coisas d'essas; não está lá mesmo para outra coisa...

No entanto, os senhores monarchicos que tanto appellam para uma camara republicana, que vá pôr *tudo aquillo nos eixos*, esquecem-se que estão dando pontapés em si mesmos, e auxiliando d'uma forma divinal o Partido Republicano.

Mas para que querem elles uma camara republicana?

Para administrar bem, dizem uns; para se pôr o Partido em prova, dizem outros!

Ora os primeiros passam aos monarchicos um diploma de incompetencia governativa, e filiam-se moralmente no centro Democratico.

Francamente custa a admitir que, tendo os monarchicos tão boa gente para *bem governar o Paiz*, *(?)* não a tenham para administrar um municipio!

E é que não sou capaz de discernir o que estes sympaticos cavalheiros pretendem com tal elogio.

Oh senhores, tenham mais decôro pelos seus inabalaveis principios, e, sim ou não, ser, ou não ser!

Agora com respeito aos segundos achô-os um pouco mais velhacos, e muito menos asnos que os primeiros.

Querem uma camara republicana para pôr o partido á prova?

Ora ainda bem que vão ficar sabendo como o Partido Republicano administra; isto em Lisboa, que no Porto não consta ainda que elles tivessem deixado de honrar o seu espinhoso mandato.

No entanto pergunto eu: O que farão S. Ex.as se virem coroada de bom exito a acção que os republicanos levarem aos municipios que ficarem debaixo da sua responsabilidade administrativa?

Reconhecerão por certo no Partido Republicano, a ordem e as virtudes que tão insistentemente lhe teem negado?!

Se o não fizerem, n'este caso serão... o que o leitor quizer... diga, diga, isso mesmo.

E, no caso de nos reconhecerem então como partido competente para administrar municipios, mais facilmente nos conferirão o direito de governar o Paiz.

Nem mesmo outra coisa esperaremos depois d'um regimen que confessa carecer d'homens para administrar um municipio!...

Ignotus.

Diversões nas praias

A romagem da Senhora das Areias, na praia de S. Jacintho, teve este anno numerosa concorrencia de romeiros, muitos dos quaes se conservaram alli até terça-feira.

A' parte religiosa, que constou das conhecidas ceremonias do culto na capellinha e da procissão exhibindo se n'uma parte da costa habitada, juntaram-se os festejos profanos,—musica, illuminação, fogo, danças populares, e as *entregas dos ramos*, com todas as suas extravagancias e desenvolturas.

Embora as companhas trabalhassem no domingo e na segunda-feira, o que fez arrefecer um pouco o enthusiasmo do meio, é certo, que perto da noite, ultimados os trabalhos e a labuta dos mercanteis, a avenida da ria, que é o ponto de convergencia de todos os romeiros, se encheu de gente que se divertiu com enthusiasmo.

*

Hoje e ámanhã é na Costa Nova o ponto de novo *rendez-vous*. Festeja-se alli o Santo Amaro; é quanto basta para pretexto dos *devotos*, que desejam expandir-se em folguedos.

A quadra vae ainda apetecivel para dar largas aos romeiros d'improviso, que querem divertir-se.

O programma das festas é por demais conhecido, para que o reeditemos.

FALLECIMENTOS

Victimado por antigos padecimentos deixou de existir, n'esta cidade, o snr. Albino José dos Santos, empregado dos correios e telegraphos, aposentado, e um explendido chefe de familia.

***

Succumbiu tambem aos estragos da tuberculose o snr. José Maria dos Santos Rocha, rapaz ainda novo, que se empregava na Alfandega, como remador.

A todos os doridos, os nossos pezames.

A. S.

Continuamos sem saber o motivo por que os adobos fornecidos para as obras das Carmelitas e outras do Estado, são marcados com as iniciaes que nos servem de epigraphe.

Quem é o snr. A. S. unico fornecedor de adobos para as obras publicas?

Não deixaremos de insistir n'este assumpto, que é um verdadeiro enygma para nós e do qual desejamos saber a decifração.